

## 11. Considerações Finais

Durante todo este trabalho, verificamos que as opiniões que os professores deram sobre seus alunos portadores de Paralisia Cerebral reforçam significativamente a possibilidade de estarmos diante de representações sociais, nas quais se encontram a marca de grandes erros e desconhecimentos, que podem ser consideradas uma dentre as possíveis causas das imensas falhas que se encontram no processo de inclusão realizado em salas de aula do ensino regular. À guisa de síntese, gostaríamos de ressaltar alguns, dentre os principais pontos extraídos das entrevistas:

- O desconhecimento, ou um conhecimento incompleto do que é Paralisia Cerebral, confundida constantemente com deficiência mental.
- A falta de capacitação teórica para lidar com pessoas portadoras de deficiência
- O fato de alguns professores considerarem indesejável a presença destes alunos em sala de aula.
- A condição de muitos professores ainda estarem presos a processos de avaliação tradicionais, como testes, provas, etc., não sendo, portanto, capazes de criar outras formas de avaliação desses alunos, como por exemplo, o uso de observações diárias em sala de aula.
- A pouca crença na perspectiva de um futuro promissor para estes alunos.

Felizmente, porém, também encontramos muitas afirmações que fogem dessas anteriormente apontadas e que pontuaram aspectos que fazem da inclusão uma prática benéfica para toda a comunidade escolar, que aprende a ver, com naturalidade, as diferenças de cada um. Dentre estes pontos positivos, podemos destacar os seguintes:

- Alguns professores reconhecem características altamente positivas nestes alunos, como, por exemplo: inteligência, força de vontade, responsabilidade, e participação.

- Muitos professores têm um envolvimento afetivo positivo com esses alunos, gerando sentimentos construtivos que, quando bem dosados, possibilitam-nos se integrarem completamente à classe.
- Alguns professores mostraram que, apesar de não terem um respaldo teórico sobre Paralisia Cerebral, realizam uma avaliação diferenciada, levando em conta as peculiaridades destes alunos.
- Muitos professores relataram não existir uma interferência negativa destes alunos no desenrolar de sua aula, salientando a boa aceitação da turma com relação a eles e a grande importância da socialização entre estes alunos e seus colegas de classe.
- Existem professores que vêm boas perspectivas para o futuro destes alunos.

Como podemos constatar, encontramos uma nítida separação nas opiniões dos professores sobre a presença destes alunos em sala de aula, e, por suposto, esta divisão tão demarcada têm conseqüências muito expressivas no processo de inclusão que, desse modo, não é realizado de maneira minimamente articulada, nem seguindo uma certa orientação mais uniforme. Ele se faz de acordo com a representação que cada professor faz de seu aluno.

Todas estas considerações parecem nos indicar que as representações que os professores fazem do portador de Paralisia Cerebral deveriam merecer estudos posteriores que as estudassem com mais profundidade. Na verdade, consideramos que o estudo das representações sociais proposto por Serge Moscovici, seria uma das propostas de fundamentação teórica para este aprofundamento, pois a teoria das representações sociais vai buscar, tanto dentro da psicologia social, como fora dela, possibilidades de reconstrução teórica, epistemológica e metodológica. Esse caráter de busca a distingue como uma teoria específica de psicologia social e um empreendimento interdisciplinar.

A teoria das representações sociais não diz respeito somente à psicologia, aliás, o conceito de representação aparece, inicialmente dentro do campo da sociologia e da antropologia, com Durkheim e Levi-Bruhl. Nessas duas ciências, ele foi elemento decisivo na elaboração de uma teoria da religião, da magia e do pensamento mítico, servindo tanto para dar conta da totalidade destes fenômenos

como também o conceito que os engloba e toda uma teoria que é construída para explicá-los.

Tendo assim como fundamento à sociologia e a antropologia, seu berço foi a Europa e teve como marco inicial, a publicação feita por Moscovici ( 1961 ) de seu estudo *La Psychanalyse: Son image et son public*. Esse estudo difere marcadamente das formas psicológicas de psicologia social, que, ainda hoje, são predominantes nos Estados Unidos da América, havendo assim, um contraste entre a tradição de pesquisa europeia e uma psicologia social moderna.

A polarização existente entre o individualismo e o coletivismo é pouco encontrada em países que sofrem influência da Igreja Católica, como por exemplo, países do sul da Europa e do sul da América.

A separação das formas sociológica e psicológica, da psicologia social na América do Norte, na era moderna, fez com que a psicologia social fosse vista como uma subdisciplina da psicologia. Na Europa também existiam pesquisas que seguiam esta linha. Tal desenvolvimento pode ser visto como resultante das forças sociais, atuantes no período entre as duas guerras mundiais. Com relação a este período, Graumann (1986) referindo-se a Allport, denominou-o de “individualização social”. Pode-se também, pontuar outros dois fatores, que também identificamos com grande destaque.

O primeiro refere-se à generalização para as demais ciências sociais, no pressuposto positivista, no qual se apoiava a psicologia social de Allport (1924). Tal fato ocorreu, quando, na América do Norte, as ciências sociais passaram a ser vistas como ciências comportamentalistas, afim de assegurar sua fundamentação. Isto garantiu politicamente, fundos para pesquisa científica, não confundindo ciência social com socialismo, visto que este era um período de guerra fria.

O segundo foi consequência da migração dos “gestaltistas” para a América do Norte, trazendo contribuições significativas para o desenvolvimento da psicologia social. O referencial de “visão de mundo”, nos estudos das atitudes, que é uma das características da teoria da Gestalt, chegou a ser mais predominante do que o referencial de “consistência de resposta” dos behavioristas.

Moscovici pretende superar a concepção estática da realidade, criando assim um conceito que corresponda à mobilidade e à praticidade dos fenômenos das representações contemporâneas, o que não encontramos na sociologia de Durkheim, onde a ênfase se dá, de forma exagerada, nas representações coletivas,

como já dadas como prontas, sem haver possibilidade de serem explicadas por outras disciplinas. A sociedade também possui, além de um sistema econômico ou político, um sistema de pensamento, o qual Moscovici enfatiza.

Apesar de considerar, em seu trabalho, o conceito de ideologia, Moscovici procurou enfatizar mais o caráter criativo, inovador, presentes em determinados grupos, ou em alguns indivíduos, que constroem conteúdos veiculados nos meios científicos ou nos meios de comunicação de massa, e que podem ser vistos como espaços de resistência às idéias que se pretende, tornando-se, assim, hegemônicas.

Para este autor, existem dois universos de pensamento: os universos consensuais e os reificados. Ao universo reificado, pertencem às ciências e o pensamento erudito em geral. Nos universos consensuais, encontramos os pensamentos e idéias que, quase sempre, se originaram nos universos reificados. Assim sendo, estes foram reapropriados pelos integrantes da sociedade de uma forma própria, através de uma lógica diferenciada daquela em que tal conhecimento foi construído cientificamente, originando assim as representações sociais. As representações sociais ficam assim criadas com o objetivo de possibilitar a comunicação entre os indivíduos, servindo assim, como mediações sociais. Ora, se pensarmos no que foi possível observarmos na análise dos dados coletados em nossa pesquisa, o que coletamos pode muito bem se enquadrar na dimensão conceitual das representações sociais de Moscovici. Mas, para que possamos tomar esta afirmação haveria de se fazer outros estudos mais abrangentes do universo do qual o nosso grupo de estudo certamente faz parte mas que não se pode, pela natureza do estudo realizado, afirmar que possa lhe ser representativo. Daí a nossa sugestão para que outros estudos avancem nesta direção.

Por outro lado, as representações que tivemos em mãos, acentuadas pela falta de informação e endossadas por um discurso carregado de enganos, incertezas, ignorância, conhecimentos incompletos, falta de respaldo teórico certamente interferem na vida escolar, tanto dos alunos considerados "normais", como e principalmente do aluno portador de Paralisia Cerebral. É neste ponto que concordamos com Stainback & Sainback (1999) “Ajudar os professores a tornarem-se melhores professores no contexto da inclusão torna-os conscientes de que os novos desafios finalmente vão beneficiar todos os aluno” (p.26); e o

reconhecimento das representações que os professores fazem de alunos com deficiências como a Paralisia Cerebral, pode ser um passo significativo para vencermos este desafio.